

Revista de Administração

ensino
cartese

Administration Advice

Nº 31 – ANO 3 – Julho / 2022



EDUCAÇÃO SUPERIOR

A REFINADA ARTE DE ENSINAR A IMITAÇÃO



ADMINISTRATION ADVICE

Revista de Administração

Aborda assuntos das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas, visando contribuir para a ampliação, aprimoramento e especialização dos conhecimentos no âmbito da Administração



Charles Antonio Kieling
Diretor

(51) 993.594.836
Celular & WhatsApp

(51) 3779.0203
Telefone

www.ensinocartese.com.br

atendimento@ensinocartese.com.br

Av. Protásio Alves, 5381
Bairro Petrópolis
Porto Alegre - RS
CEP: 91.310-002

O Ensino Cartese tem como mantenedora a Instituição de Ensino e Profissionalização Ltda. O nome CARTESE é um acrônimo de Compreender, Aplicar e Revisar as Teorias e Teses. Seu propósito é o de propiciar conhecimentos de ponta, integrando teorias e práticas inovadoras que impulsionem pessoas e empreendimentos, praticando a constante realização do avanço das pesquisas, da qualificação de suas ações institucionais, dos processos de ensino e aprendizado e da produção, desenvolvimento e difusão do conhecimento científico e transformador.

MISSÃO

Desenvolver o ensino e a pesquisa de forma lógica, efetiva, experimental, científica e humanizada, para a autonomia e o crescimento das pessoas e empresas.

VALORES

- Ética
- Profissionalismo
- Consciência científica
- Responsabilidade social e ambiental
- Motivação pelo desafio
- Sinergia

VISÃO

Ser propulsor de excelência no Ensino, nas Pesquisas e nas Inovações.

Ser referência por impulsionar pessoas e negócios.

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer meios ou processos, sem autorização escrita do Ensino Cartese.

EDITORIAL

SÓ SEI QUE TUDO SEI!

O sistema de ensino é composto por padronizações de formação, alinhados com propostas de imitação. Em que pese as propostas para se pensar alternativas para transformar tal ambiente em impulsionador de cérebros, o que ocorre sempre é o de andar em círculos, estabelecendo simulacros; nesse frenesi da nova proposta, sempre nos deparamos com a colocação do novo utilizando palavras diferentes para reproduzir o velho.

Estamos diante de uma realidade complexa. É difícil mudar algo que está dando certo. Bem! Ao menos é o que parece. As universidades formam centenas de profissionais. Os ritos de colação de grau atestam que está tudo certo. Sim. E isso se deve ao pensamento de que ali nos formandos está aqueles que farão a diferença; e ouvimos isso em todas as formaturas. O problema é que a diferença não acontece. Nunca chega! É fato! A Instituição que tem o compromisso de ensinar a Ciência e a Tecnologia anda em sentido diferente.

A busca pelo diploma mais se assemelha a um artigo de luxo, uma cobiça para melhorar a colocação no mercado ou mesmo uma honraria e poder falar que tem curso superior. E não estou desmerecendo a intenção de ninguém. Apenas quero trazer em pauta uma reflexão mais profunda sobre os profissionais formados e o aspecto faltante no desenvolvimento de algumas habilidades basilares para transformar a si mesmo e a profissão.

Vamos pensar em uma simples situação. Pergunte para um administrador, com diploma, qual o método que aplica e em quais ocasiões. Solicite que descreva as ações que tomou em decorrência da pesquisa que fez, e quais as evidências que lhe direcionaram na decisão. Se ele pautou a pesquisa em algum teórico ou quais foram suas referências.

A questão do desconhecimento da Ciência e da Tecnologia é um paradigma que merece muito cuidado e diplomacia. Afinal, ter a horaria questionada é desrespeitoso. Ainda mais numa realidade em que, ao contrário do filósofo grego Sócrates, prefere falar Só sei que Tudo sei!

Boa leitura!

Prof. Me. Charles A. Kieling
Cientista Social

SUMÁRIO



Educação Superior: a refinada arte de ensinar a imitação5



A PSEUDOCIÊNCIA NA ADMINISTRAÇÃO14

A MÍSTICA16

A PAREIDOLIA18

A CRENÇA19

PSEUDOCIÊNCIA21

IMPRECISÃO26

ESTUDO SOBRE PSEUDOCIÊNCIA28

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS34

Currículo Profissional - Charles Antonio Kieling35

Educação Superior: a refinada arte de ensinar a imitação

Por Charles A. Kieling

Nas Faculdades em geral e na de Administração em particular, todo o aprendizado, o ensino e conhecimento que um indivíduo adquire para realizar o trabalho de administrar, não será suficiente para dar conta da multiplicidade dos desafios e novidades que surgem no dia a dia. É fato! Nenhum administrador, no instante que determina uma ação ou quando estabelece uma decisão, busca algum livro ou consulta algum manual para decidir o que fazer ou para saber se o que está fazendo está de acordo com alguma certeza estabelecida; diante da situação que se apresenta, ele decide “sem pensar”. Os administradores, em sua maioria, não perscrutam se é apropriado fundamentar sua decisão conforme a Teoria Clássica, ou Neoclássica, ou das Relações Humanas, Estruturalista etc., ou se a situação tem similaridade com algum case que estudou na Faculdade e poderá utilizar em conformidade com aquela decisão que foi tema de discussão na sala de aula, ou que é melhor aplicar o conhecimento do “guru” que o professor na Universidade tanto falou, ou nem mesmo dirá que vai tomar a decisão conforme ouviu de algum empresário renomado, muito menos se as ideias que está tomando estão em consonância com as de Taylor, ou Fayol, ou Maslow, ou Mc Gregor, ou Peter Drucker etc. Ocorre que a decisão é tomada de acordo com uma vontade binária, do sim ou não, que em geral não está fundamentada na Ciência ou no aprendizado oriundo da Faculdade, mas em uma postura também binária, que tem em uma perspectiva o medo e em outra a demonstração de coragem; ou seja,

estabelece sua decisão conforme o binômio medo versus coragem. A gênese dessa maneira de gerir e administrar, e que também é orientada por motivadores e “gurus” da Administração, por Coach, Mentores e outros tantos tipos, faz surgir uma vigorosa pseudociência que foi pontuada por Francis Bacon há 402 anos. Sim, a mais de quatrocentos anos um pensador apontou sobre a imposição da vontade e dos interesses pessoais como opressores do conhecimento avançado e da Ciência:

A compreensão humana não é um exame desinteressado, mas recebe infusões da vontade e dos afetos; disso se originam ciências que podem ser chamadas “ciências conforme a nossa vontade”. Pois um homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade. Assim, ele rejeita coisas difíceis pela impaciência de pesquisar; coisas sensatas, porque diminuem a esperança; as coisas mais profundas da natureza, por superstição; a luz da experiência, por arrogância e orgulho; coisas que não são comumente aceitas, por deferência à opinião do vulgo. Em suma, inúmeras são as maneiras, e às vezes imperceptíveis, pelas quais os afetos colorem e contaminam o entendimento.

Francis Bacon, *Novum organon* (1620)

Quando analiso as decisões, os argumentos, as ideias dos que ocupam posições de comando, daqueles que passaram pela Educação Superior e que estão amparados pelos diplomas que conquistaram com muito estudo, me pergunto onde estão as falhas, as vulnerabilidades no processo de ensino-aprendizado que os fazem decidir conforme entendimentos desvinculados da mais simplória postura científica. Por que as coisas têm que ser assim?

Das respostas que encontro, uma delas é a apresentada por Francis Bacon, a de que a compreensão humana rejeita a ciência por arrogância, orgulho e impaciência de pesquisar, onde os afetos e vontades próprias estabelecem o entendimento.

Outra resposta que encontro é analisando o comportamento humano ao longo da História. As civilizações nunca apresentaram um conhecimento avançado que alcançasse o conjunto maior da população; contrário disso, todo o conhecimento avançado ficou adstrito a um diminuto grupo, enquanto que a maioria apenas o reproduzia e o aplicava sem refletir ou compreender seus fundamentos. Assim, ao verificar a transmissão e

transformação do conhecimento ao longo da História, o que se destaca é a de que a essência humana tem como prática a imitação do orgulho, da arrogância, do que deseja que seja a verdade, das narrativas fantásticas, da simplicidade, da pseudociência.

Ao analisar os trabalhos e as profissões, combinado com o processo de ensino-aprendizado ao longo da História, percebe-se que o ser humano organizou-se por imitação, e ele é condicionado socialmente a imitar para ser considerado profissional; de forma que o processo de ensino-aprendizado, em todos os tempos e civilizações, estabelece como critério basilar a imitação, ou seja, para ser professor, o aluno aprenderá a imitar o professor; para ser químico, aprenderá a imitar aquele que trabalha com química; para ser administrador deverá aprender a imitar aqueles que trabalham na administração; para ser profissional terá de imitar outros profissionais. A habilidade da imitação, em particular daqueles trabalhos fundamentais para a sobrevivência, é o que determina a perenidade de uma civilização; e isso também é fato.

Ocorre que as habilidades humanas em imitar, ou seja, de repetir operações, movimentos, ideias, narrativas etc., estão no desejo de acreditar, e não na necessidade do conhecer. Quando as conversas reverberam sobre estratégias, planejamentos, proposições de posicionamento dos negócios, entre outros tantos assuntos relacionados aos empreendimentos administrativos, é comum ouvirmos dos decisores, gestores, administradores, de forma muito repetitiva, de que “acreditam” em “x” situação. Esse tal “acreditar” também se origina como imitação de outras fontes que fazem repercutir o sentimento e o desejo de acreditar. E se a realidade se apresentar diferente, ou seja, se algumas questões de desejo não corresponderem ao que se acreditava, não há problemas, pois imediatamente os desejos e o que se acredita são reorganizados e resinificados.

Fato é que o desejo humano de acreditar busca sempre seu consolo no otimismo, estabelecendo em muitas vezes uma série de comparações errôneas, e sobre as quais não são aceitos questionamentos; de tal forma que para aqueles que demonstrarem descrença e ou pessimismo frente às comparações errôneas e ou diante da simplificação do desejo de acreditar, são aconselhados a procurarem tratamento médico ou meios de melhorar a autoestima.

Não se está com essa reflexão propondo antagonismo, obstrução ou desmerecimento da condição humana e do seu desejo inerente de acreditar, mesmo porque é essa a condição que garante a civilização. O que se propõe é o de realizar uma reflexão profunda da questão levantada e identificar as fronteiras que nos cercam, ou seja, os limites

das imitações que definem as profissões, as narrativas, o ensino-aprendizado, a educação e a formação em geral. Essa reflexão possibilita perceber quando surge o cientista propriamente conhecido; ou seja, aquela pessoa que avança além dessas fronteiras é quem faz Ciência, pois, ao ultrapassar os limites, avançar além das fronteiras da imitação, onde é necessário desenvolver novas ferramentas e conhecimentos, e que ao fazer isso está ciente dos desafios e de que não há onde buscar imitações, condicionando-o a buscar alternativas de superação, e fazendo-o gerar um novo simulacro; ou seja, o cientista, ao avançar além das fronteiras das imitações e não encontrar onde apoiar novos processos de imitação, se sente obrigado a recuar para dentro das fronteiras originárias, onde buscará referências que oportunizem entender e dominar o que está além das fronteiras conhecidas. É isso que torna a Ciência uma atividade complexa, difícil, estafante, geradora de novas imitações, de novos simulacros; e é também por isso que a Ciência avança tão lentamente.

Enquanto que para o senso comum existe um profundo sentimento de acreditar, para o cientista o sentimento é o de compreender; é essa busca pela compreensão de algo, que faz o cientista organizar seu próprio aprendizado e articular o pensamento de forma a evitar o erro ou de ser enganado. Diferente do senso comum que se fundamenta no binômio “acreditar” e “não acreditar”, o cientista busca o “compreender” fundamentando-se nas evidências, observações, medições, experimentos, dados e fatos. O ensino-aprendizado científico é complexo e desvinculado do binômio “acreditar” e “não acreditar”, o que torna seu conhecimento seguro frente ao ilusório, fantástico, mítico ou sobrenatural.

Voltando ao aprendizado no âmbito da Administração, proponho a seguinte questão para refletir: Por que a formação profissional dos decisores não avança além da imitação, do sentimento de acreditar, do binômio medo versus coragem, das comparações errôneas ou da pseudociência? Essa questão necessita ser refletida com profundidade.

Atualmente, frente aos efeitos da pandemia do Covid-19 sobre a economia, diversos administradores e decisores externam acreditar que o mercado irá melhorar; entre muitos existe um sentimento de otimismo, uma vontade de acreditar. Todavia, ao desenvolver uma reflexão profunda, uma análise fundamentada na Ciência, os dados apontam para uma redução da produção mundial ou ainda para uma potencial recessão internacional, sendo que isso é potencialmente decorrente de: dados que expressam as circunstâncias da invasão da Rússia na Ucrânia; empresas, negócios, investimentos e pessoas, abandonando a Rússia; problemas de fontes energéticas que antes viabilizavam negócios na Europa e que estão sendo substituídas por outras fontes, gerando impactos nos valores

e inflação; e, também, da crise de alimentos e reorganização da logística de transportes internacional. A recessão está ganhando maturidade na Europa, Reino Unido, Estados Unidos e China. E a pergunta que necessita ser feita aos administradores é: Você sabe administrar em momentos de recessão?

A situação do ensino-aprendizado é sempre o de instruir, de profissionalizar através da imitação, mas tendo como referência os momentos de estabilidade e de prosperidade. Nos momentos de crise, de recessão econômica, de pandemia, a imitação não pode ser ensinada; nesses contextos a vulnerabilidade do ensino-aprendizado se faz patente, e o que se destaca e movimenta as intenções e as decisões é o desejo de acreditar. A Educação Superior, ao realizar a integração de teoria e prática, se consolida durante os momentos de estabilidade ou de prosperidade e em conformidade com cases que estejam dentro das fronteiras que propiciam os exercícios fundamentados pelo binômio “acreditar” e “não acreditar”; também se serve dos clichês de “gurus”, coaches, mentores, idealistas populares e comparações que somente estabelecem sentido no imaginário coletivo. No atual contexto, as perguntas necessárias são: Sua empresa está preparada para momentos de recessão, pandemia ou guerra? Quais as estratégias da sua administração para momentos de crise?

O senso comum, diante do inesperado, do despreparo, do medo e das incertezas, busca rapidamente por homilias. As administrações, por sua vez, decorrente da redução dos negócios e das crises, passa a cortar despesas; para a maioria exalta-se a esperança como sentido para a vida, enquanto que para outros, desvinculados do conhecimento e das evidências, o estabelecimento de conceitos errôneos pondera sobre o despreparo e o desconhecimento; e nesses casos é comum a utilização de conceitos de outras ciências para explicar situações de Administração, como resiliência, força, entropia, sinergia etc., ou conceitos da religião como fé, esperança, missão, energia superior, escolhido etc., ou conceitos subjetivos como sorte, determinação, trabalho duro, coragem etc.

O que envolve o ato de administrar, de tomar decisões? Como estabelecer a postura científica na administração?

Em administração o decisor não deve estabelecer como padrão os procedimentos experimentais, pois poderá arruinar o empreendimento por um erro ou por uma sucessão de experimentos que resultarem em equívocos. Em administração as decisões necessitam ser assertivas, não experimentais. Para tanto, é necessário cotejar dados, “fatos”, comportamentos, medições. Nesse sentido, o que se encontra como referência para os

trabalhos cotejados nas decisões, estão as avaliações das receitas atingidas num dado período e a partir desses dados são estabelecidas as projeções de metas a serem atingidas. Ocorre que tais levantamentos para estabelecer as metas são inconsistentes em diversos aspectos; onde são desconsideradas variáveis potencialmente estratégicas para impulsionar os negócios. Entretanto, buscar dados relevantes ou estabelecer um grupo que desenvolva pesquisas fundamentadas na Ciência, não fazem parte da política empresarial no Brasil. Diferente de produzir as próprias pesquisas, as empresas optam pelas pesquisas e análises generalistas e subjetivas produzidas pelas associações de classe, que assumem o status de autoridade no assunto. Não há questionamentos ou busca da confirmação dos dados que tais autoridades apresentam, apenas aceitação sem nenhuma tentativa de reflexão sobre a validade das fontes, dos processos de coletas, da forma de análise dos dados etc.

Tal realidade, caracterizada pela ausência de críticas ou um mínimo de análise sobre o que é propalado pelas “autoridades” e pelas instituições representativas, desnuda que a formação em Administração, tida como científica no âmbito das Instituições de Educação Superior, necessita ser revista; pois não estão formando Cientistas em Administração, ou mesmo estabelecendo um Pensamento Científico nos formandos. E, por óbvio, a reflexão e a proposição de melhorias não podem ser excluídas da pauta nacional. Todavia, tal melhoria necessita iniciar em algum lugar, e com profissionais que demonstrem domínio científico e de métodos.

Se colocarmos em teste os mais consagrados ou renomados PHDs, Doutores e Mestres em Administração, que transmitem e formam novos profissionais e até influenciam a opinião pública, não ficaríamos surpresos na reprovação da maioria. Faça o teste:

- (1) Explique, pelo Método Dedutivo, a pandemia de 2020.
- (2) Explique, pelo Método Indutivo, a pandemia de 2020.
- (3) Selecione um Método (Dedutivo, Indutivo, Dialético, Fenomenológico, Hipotético-Dedutivo, Ecológico Social) e explique a economia nacional em 2020 e suas influências na Administração Privada e Pública.

Esse teste não surpreenderá quanto as dificuldades que os PHDs, Doutores e Mestres demonstrarem ao tentar organizar o pensamento, assim como não será nenhum espanto se desconhecem sobre os Métodos e suas aplicações, ou mesmo sobre a incapacidade de identificarem as evidências, de mensurar os fatos, de apresentar referências teóricas que estejam alinhadas com o Método escolhido, entre outras situações

que desnudariam tais autoridades quanto as vulnerabilidades ou mesmo ausência das habilidades científicas. E são esses contextos estruturais, com ausência de habilidades científicas, que referenciam a formação dos profissionais em diversas áreas e em muitas Instituições de Educação Superior.

A negligência com a prática de um pensamento científico realizável na Administração e na tomada das decisões, é ensinada abertamente e sem causar nenhum constrangimento. E a propagação de tal ausência do pensamento científico se dá pelos rótulos e pelas instituições que fortalecem os que, nas circunstâncias momentâneas, são tidos como autoridades.

Um exemplo sobre o volume hercúleo da pseudociência no âmbito da Administração, que se destaca pela ação das instituições e “autoridades”, está na estruturação do planejamento. Sim! As imitações de tais negligências são materializadas pelas ditas “habilidades” em estruturar o Planejamento Estratégico, pois o mesmo não é orientado a pensar de forma científica ou fundamentado em algum Método e teoria, mas na visão e comparações errôneas fundamentadas em subjetividades.

Outro exemplo está no ensino sobre o estratégico, tático e operacional, estabelecendo uma visualização piramidal em diversos livros acadêmicos, utilizados nos cursos de Administração, que não condiz com a realidade da maioria das empresas, bem como não encontra alinhamento com as descrições de cargos e funções. Porém, como algo presente no currículo do curso, seu aprendizado leva a estruturação de comparações errôneas e subjetivas.

É fato. O ensino da Ciência, do Pensamento Científico, cambaleia e nem mesmo chega ao ambiente de ensino-aprendizado. Pois encontra profundos fossos de pseudociências e de professores pseudopedagógicos que retroalimentam o sistema, acelerando a espiral do descabro do conhecimento e do fracasso acadêmico; onde a estrutura vigora como rito de passagem para aquisição de um diploma ou título. A academia não prepara para administradores para três aspectos básicos: 1) habilidade para pesquisar e fazer descobertas; 2) organizar o conhecimento conforme as descobertas; 3) transformar os novos saberes em Tecnologia aplicável em escala. Assim como a academia não prepara sobre esses três aspectos, ela também não pode avaliar.

Sobre as realidades empresariais, onde a Tecnologia proporciona uma ferramenta essencial, o assunto é comentado de maneira superficial e genérica aos estudantes de Administração. Por óbvio que estamos apontando para além da Tecnologia da Informação;

nos referimos aos equipamentos, ferramentas, dispositivos etc., indispensáveis para o desenvolvimento, sustentabilidade e perenidade das empresas e que empreendedores, gerentes e administradores, necessitam conhecer para aplicar no dia a dia. Sobre esses contextos, os acadêmicos ficam aquém do ensino-aprendizado e do desenvolvimento de habilidades para impulsionar Tecnologias próprias e aplicáveis, em certas circunstâncias, de forma exclusiva pela empresa.

Ora! O administrador que sabe pesquisar para descobrir um comportamento ou necessidade específica, que desenvolve uma compreensão e organiza o conhecimento conforme as descobertas, e que transforma os novos saberes em Tecnologia, tem mais capacidade para transformar e superar as adversidades. E, apesar da arte refinada de ensinar a imitação, ainda surgem os inquietos e curiosos que desenvolvem Tecnologias e as integram com parcerias, sistemas e negócios, engajando conhecimento, comportamentos, gestão de pessoal, capacidade operacional e negócios.

QUADRO 1: Habilidades em Ciência e Tecnologia ausentes na formação superior.

HABILIDADES PROFISSIONAIS BÁSICOS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA	CARACTERÍSTICAS DOS FORMADOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
1) Habilidade para pesquisar e fazer descobertas	Os acadêmicos e formados não desenvolvem ou adquiriram habilidades para pesquisar e buscar descobrir oportunidades; apesar de todos passarem pelas aulas de Metodologia, para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso, os alunos atingem a formação na Educação Superior desconhecendo os princípios básicos de Método e Pesquisa, de Ciência e de Tecnologia aplicáveis em suas áreas e carreiras profissionais.
2) Habilidade para organizar o conhecimento conforme as descobertas	Apresentam dificuldades em definir os campos do conhecimento e que estejam correlacionados com setores empresariais e com os interesses dos clientes e parceiros; essa característica é um obstáculo para que prospectem cenários e para fazerem descobertas; em geral, confundem o conceito de descobertas com o de melhorias ou adequações ou inovação.
3) Habilidade para transformar os novos saberes em Tecnologia aplicável em escala.	Não desenvolveram a habilidade da transformação; não sabem como tornar um conhecimento em Tecnologia; os departamentos de pesquisa e as <i>startups</i> servem-se do que já existe para desenvolvem melhorias ou adaptações específicas, e não para realizar pesquisas e descobertas que possam ser transformadas em Tecnologia aplicável.

Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar dos conceitos, valores, visão, metas etc., que as Instituições de Educação Superior destacam em seus frontispícios, bem como de o Ministério da Educação ditar a norma com idealização, a realidade do ensino-aprendizado, no que tange a conectar teoria e prática, ocorre com grande peso no sentido de avaliar as habilidades das leituras parciais

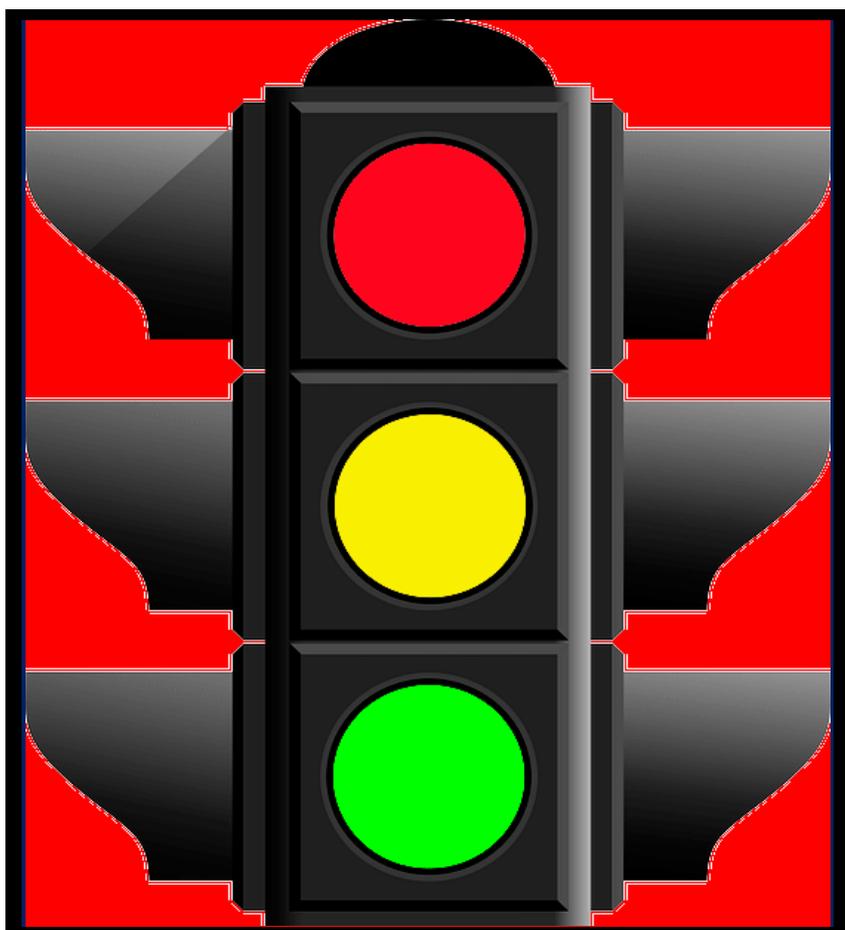
de alguns textos escolhidos, tidos como referenciais teóricos, e que devem ser memorizados e destacados nas provas e no TCC, tendo esse último como sendo o conhecimento prático. De certo modo, os clichês e as homilias dos docentes são validados nesses processos de ensino-aprendizado, potencializando no aluno a necessidade em fazer a melhor imitação; o que leva alguns a buscarem honrarias e visitar empresas na Europa e Estados Unidos para conhecerem melhores práticas e imitá-las no Brasil.

Reparem que a reflexão aqui desenvolvida está longe da proposta de que o ensino produzido nas Universidades seja no sentido do coletivo em atingir alguns fins, como o de uma educação associada a formar força de trabalho mais qualificada para impulsionar o crescimento econômico local e regional. Também não se restringe pela visão mercadológica de produzir indivíduos diplomados para abastecer as possibilidades de vagas com mão de obra que atestem determinadas qualificações, chanceladas por instituição reconhecida pelo sistema educativo, e potencializando uma qualificação para se colocar no mercado. Essas visões em geral levam para um discurso que cai no simulacro da libertação pela qualificação; ou seja, a ilusão de que a educação de melhor qualidade proporciona mais liberdade. E em tal simulacro sempre fica o debate do que é a melhor qualidade e o que é mais liberdade, sempre criando neologismos e aplicando conceitos para tentar explicar idealizações. Nesse último ponto, as Universidades estão mais preocupadas em formar acadêmicos capacitados para as avaliações que reforçam o simulacro, ou seja, educar para o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

O que propomos com a reflexão é oportunizar uma atenção ao elencado no Quadro 1, o de considerar a possibilidade da Ciência e Tecnologia terem condições para serem materializadas na formação dos alunos ao longo do sistema de ensino e em particular na Educação Superior; que o profissional desenvolva além das condições de imitação de processos e padrões, mas que também tenha habilidades para desenvolver descobertas e aplicar ações que gerem resultados apropriados para a sociedade.

A PSEUDOCIÊNCIA NA ADMINISTRAÇÃO

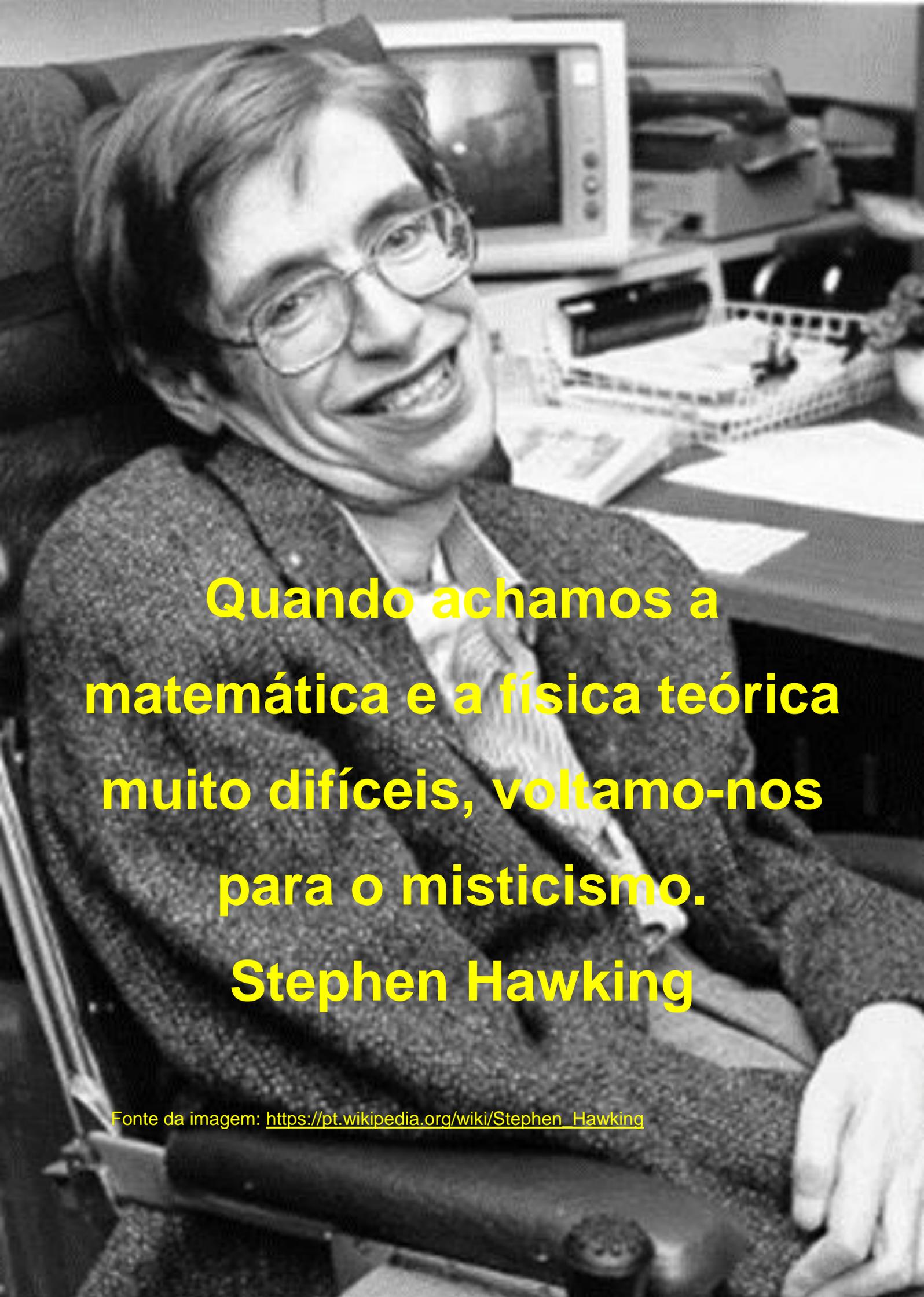
Charles A. Kieling



Por muito tempo e de maneira constante foi aventado que o administrador brasileiro seria o mais capacitado, pois é considerado como possuidor de versatilidade em se adaptar às situações variadas de dificuldades.

Esse idealismo contamina as ações dos administradores no contexto real, bem como deturpa na formação profissional, pois inevitavelmente enaltece uma mística de superioridade ou heroísmo, inflacionado como

figura de linguagem, mas que não resiste quando cotejado nos fatos.



**Quando achamos a
matemática e a física teórica
muito difíceis, voltamo-nos
para o misticismo.
Stephen Hawking**

Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen_Hawking

A MÍSTICA



Tal mística emerge de um senso comum, não fundamentada na Ciência, de que no Brasil há um profissional da Administração com mais criatividade, de um estilo diferenciado e mais especializado, pois sua competência profissional como administrador decorre das crises e das instabilidades econômicas vivenciadas e que lhe deram uma “qualidade superior”.

Esse mito emerge, ao mesmo tempo que se enraizou, de uma visão deslocada dos cenários políticos e jurídicos que influenciam a Administração. Ora. A formação do profissional da Administração é política, assim como é em qualquer outro país e como ocorre com qualquer outra profissão. Ou seja, as orientações, fundamentos e bases bibliográficas para a formação em qualquer nível ou área de ensino são determinadas pelo Estado e se adequam às diretrizes de padronização internacional. Os Planos de Ensino dos cursos nas Universidades brasileiras são similares aos das estrangeiras.

Essa similaridade fica comprovada frente aos contextos de necessidades profissionais que a globalização passou a exigir para o mercado. De fato, uma padronização na formação do profissional da Administração já decorre desde o início do século XX.

Todavia, foi no início do século XXI quando ocorreu um maior comprometimento do Estado para estabelecer uma base política de ensino visando adequar e padronizar as formações e que atendessem as necessidades do mercado global.

**uma visão deslocada
dos cenários políticos
e jurídicos que
influenciam a
Administração.**



**As massas nunca tiveram
sede de verdade. Elas querem
ilusões e não vivem sem elas.**

Sigmund Freud

Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud

A PAREIDOLIA



Como um efeito colateral inadvertido, o mecanismo de reconhecimento de padrões em nossos cérebros é tão eficiente em descobrir uma face em meio a muitos outros pormenores que às vezes vemos faces onde não existe nenhuma. Reunimos pedaços desconectados de luz e sombra, e inconscientemente tentamos ver uma face.

(SAGAN, 1999. p. 46.).

Quando o senso comum se assume com um orgulho inflado e distanciado das evidências e dos fatos, corre o risco de condicionar uma pareidolia. E ao analisar a interdisciplinaridade dos assuntos e livros que são tratados na área da Administração, percebe-se que a pareidolia decorre, instantaneamente, pelo fato da quantidade de textos motivacionais, frases de efeito, pensamentos de “Mestres” e palavras que soam como mantras estarem disponibilizadas como se fossem os signos do zodíaco a garantir, pelo “mapa astral”, um profissional com visão integrada, apto a garantir a geração de riqueza com preservação ambiental e tudo mais que se puder incluir como melhor e superior. Essa proposição do senso comum, que emerge ao mesmo tempo que aprofunda suas raízes, encontra como referência o super-homem que Friedrich Wilhelm Nietzsche estabeleceu para designar um ser superior aos demais, tido como o modelo ideal.

Por ser uma atividade que visa coordenar ações para a perenidade e a sustentabilidade das organizações, a Administração é idealizada, equivocadamente por alguns, como um culto praticado por missionários. Esse pensamento, que busca dar forma idealizada ao profissional, se esboroa ao envolver-se com a realidade dos interesses do mercado e frente às necessidades dos clientes. Ora. Pouco ou nada adiantará ao Administrador conhecer profundamente sobre Ética, Moral, Direito, recitar as frases dos “Mestres” da Administração ou de algum motivador, se não conhecer e dominar as dinâmicas das necessidades e potencialidades dos clientes.

Esse pensamento, que busca dar forma idealizada ao profissional, se esboroa ao envolver-se com a realidade dos interesses do mercado e frente às necessidades dos clientes.

A CRENÇA

Outro mito é o de acreditar que a Administração contribui como indutora das transformações sociais. E tal mística decorre ao desconsiderar os fatores políticos, as dinâmicas econômicas e os comportamentos dos consumidores e da sociedade.

Os fatos sociais na História comprovam que o tipo de Administração que sobrevive é aquela que consegue se adequar ao meio; ou seja, semelhante ao darwinismo social, a Administração que consegue se realizar e se fazer atuante na sociedade é a que melhor se adapta ao momento histórico, estabelecendo controles vantajosos dos processos de produção e consumo.

**acreditar que a
Administração é
um acelerador de
mudanças**

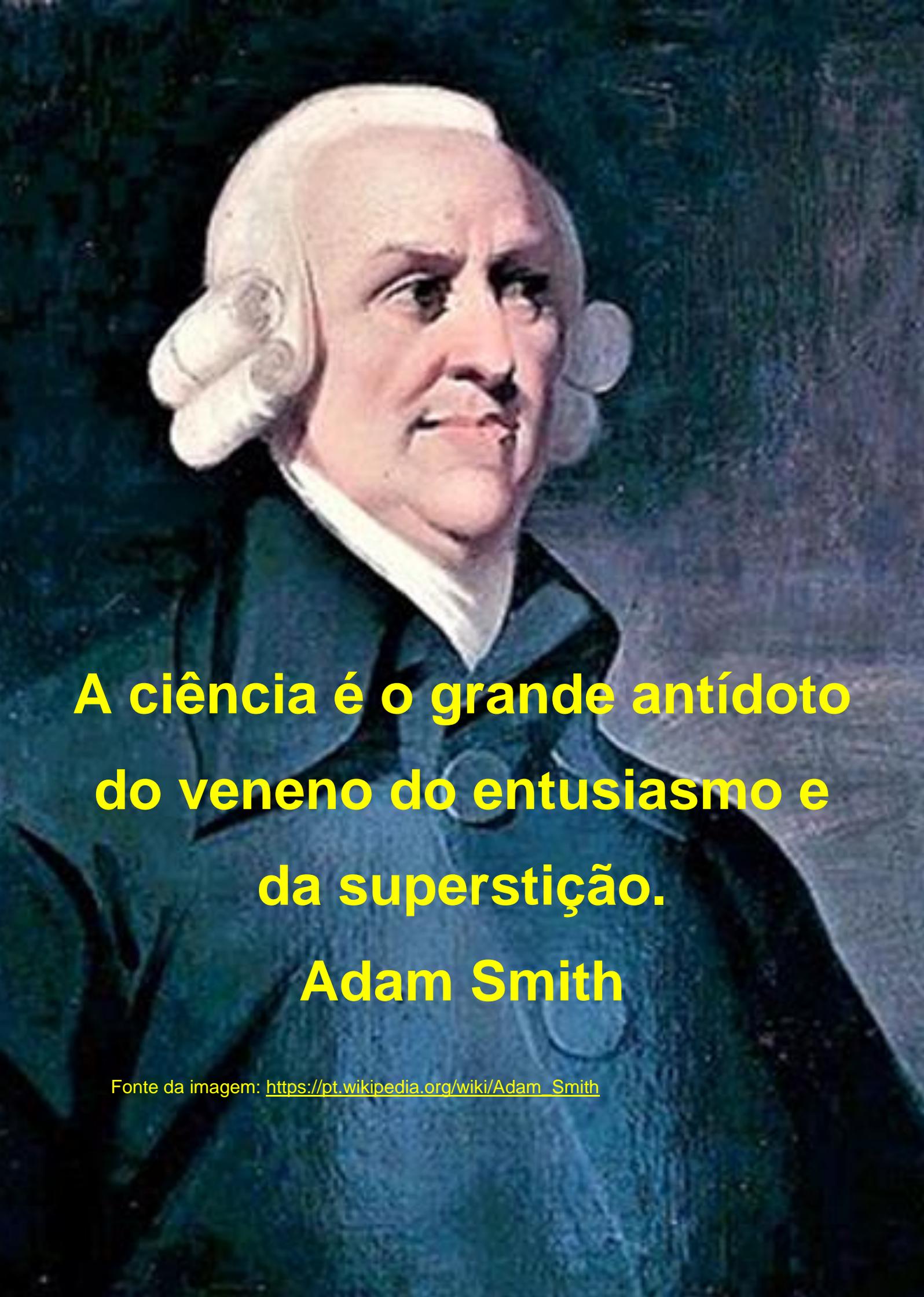
É em
decorrência
das demandas,

das necessidades e das oportunidades que a Administração deve realizar suas ações e aplicar as teorias.

O mito de acreditar que a Administração é um acelerador de mudanças decorre da fundamentação unilateral e idealista. Ocorre que a Administração, assim como todas as outras áreas, pessoas e organizações, é multidependente e acompanha e organiza as dinâmicas; pois se assim não fizer, desaparecerá.

Superar o mito, o pensamento idealista e mesmo a pareidolia, depende da condição de conhecimento que a Administração consegue colocar sobre os diversos processos de multidependência das organizações; como exemplo disso, mesmo que insuficiente, é a situação da fábrica de alfinetes que Adam Smith traz em sua obra A Riqueza das Nações. Nesse sentido, o administrador tem de ser capaz de aplicar conhecimento, analisar informações e organizar processos. E qualquer diferencial no posicionamento de uma organização decorrerá da capacidade científica do profissional, de qualquer área ou setor de mercado, em aplicar adequadamente a teoria correlacionada com a prática.





**A ciência é o grande antídoto
do veneno do entusiasmo e
da superstição.**

Adam Smith

Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith

PSEUDOCIÊNCIA

É comum na pseudociência a utilização de palavras motivacionais ou que destaquem uma qualidade que atribua superioridade ou um poder sobrenatural ou sobre-humano. E esse descuido também ocorre na Administração, quando, por exemplo, se aplicam palavras para classificar o administrador, buscando com as mesmas estabelecer medidas que distingam as capacidades, separando os melhores dos piores; palavras como coragem, ousado, ágil, sonhador, visão estratégica, empolgado, motivado, sucesso etc.

Ora. Um experimento simples para descaracterizar tal aceitação pseudocientífica é aplicar, em ambiente controlado, um problema complexo de física para um grupo de estudantes que compreendam parcialmente sobre as fórmulas a serem aplicadas na solução do problema, e depois de motivar o grupo e após cada um apresentar os resultados obtidos, se pergunte qual a validade de tais palavras frente a realidade e seus resultados. Dizer que aqueles que erraram não foram ousados, ou não foram ágeis, ou não foram sonhadores etc., é insensato.

Fato é que a Administração exige muito além da aplicação das fundamentações teóricas das diversas Ciências em sua multidependência, envolve também a de aplicar conhecimentos matemáticos de estatística, análise combinatória, matemática financeira etc. E para aplicar ações de sustentabilidade e de perenidade para as organizações no cenário global, se faz necessário conhecer sobre geopolítica e diplomacia para os processos de negociação.

Porém, equidistante dessas teorias e práticas, a pseudociência apoia-se no messianato, semelhante ao sugerido por alguns pensadores da Administração que é o de ter as “pessoas certas nos lugares certos”, mas deixam ao livre pensar e sem explicar o que é esse

a pseudociência apoia-se no messianato, semelhante ao sugerido por alguns pensadores da Administração

deixam tudo generalista mas aplicável pela subjetividade que cada um estabelece pela própria pareidolia, semelhante às interpretações que o senso comum desenvolve ao analisar as previsões astrológicas.

“certo”, ou “pessoa certa”, ou mesmo “lugar certo”, deixam tudo generalista mas aplicável pela subjetividade que cada um estabelece pela própria pareidolia, semelhante às interpretações que o senso comum desenvolve ao analisar as previsões astrológicas.

O avanço da pseudociência na Administração se dá na mesma proporção da heterogeneidade de áreas do conhecimento e que em seus referenciais bibliográficos se fundamentam em autores com vulnerabilidades quanto aos métodos, que se deslocam da proposição científica, que se servem de histórias míticas como exemplos para motivação ou para a elaboração de conhecimento, dentre diversas outras fontes ou indicações ritualísticas de dados para cenários idealizados. As comprovações de tais argumentos sobre esse fenômeno da pseudociência na Administração são facilmente levantadas frente a realidade da pandemia que destacou a fragilidade da área quanto suas habilidades de contornar desafios e incertezas.

A realidade de fechamento de organizações decorrente da pandemia, entre outras com dificuldades para retomar os negócios ou a redução drástica de suas

capacidades de existência, comprovam que administradores não estavam

preparados com conhecimentos mínimos para planejamentos, gerenciamentos, estratégias, processos, riscos etc.

Essa realidade impõe que ocorra uma revisão dos cursos de Administração em todo o seu conjunto: nos processos de ensino e aprendizado, nos currículos, nas fundamentações teóricas, nas teorias, métodos, procedimentos, instrumentos de análise, avaliações etc. Bem como verificar a integração das disciplinas em linhas de conhecimento comum para a formação e com foco objetivamente definido.

As comprovações de tais argumentos sobre esse fenômeno da pseudociência na Administração são facilmente levantados frente a realidade da pandemia que destacou a fragilidade da área quanto suas habilidades de contornar desafios e incertezas.

comprovam que administradores não estavam preparados com conhecimentos mínimos para planejamentos, gerenciamentos, estratégias, processos, riscos etc.

A PSEUDOCIÊNCIA NA ADMINISTRAÇÃO

A Administração, por ser uma ciência muito recente, ainda carece de estudos mais profundos sobre os assuntos inerentes a essa ciência. Percebemos a aparição de estudos muito superficiais e ausentes de embasamento teórico suficiente para comprovar as teorias propostas, por esse aspecto a Administração é um campo fértil para pseudocientistas atuarem livremente. Isto tem se comprovado na prática com muitos ditos administradores, consultores, ou autores de livros sobre a ciência da Administração que na realidade não tem embasamento teórico ou experimentação suficiente que sustentem cientificamente suas teorias.

a Administração é um campo fértil para pseudocientistas atuarem livremente.

Os pensadores da pseudociência muitas vezes interessados apenas em auferir lucro financeiro, fama e notoriedade de forma fácil e rápida não levam o estudo da ciência da Administração a sério, o que os transforma em pseudo-administradores ou em pseudocientistas de Administração. Isso é muito grave, pois, tais sujeitos desmoralizam profissionais sérios que

praticam a ciência administrativa de forma escoreita, respeitando as normas e os procedimentos científicos.

Pois bem, diante do exposto, o desafio a ser vencido pelos militantes da correta e séria Administração, tanto no âmbito da ciência quanto na esfera prática é saber diferenciar o charlatão do real cientista. Do cenário de hoje em dia, pode-se constatar o alto grau de mistura e confusão existente entre os estudos, teorias, pesquisadores, livros, professores, palestrantes honestos

embasados na ciência dos inescrupulosos amparados em suas pseudociências.

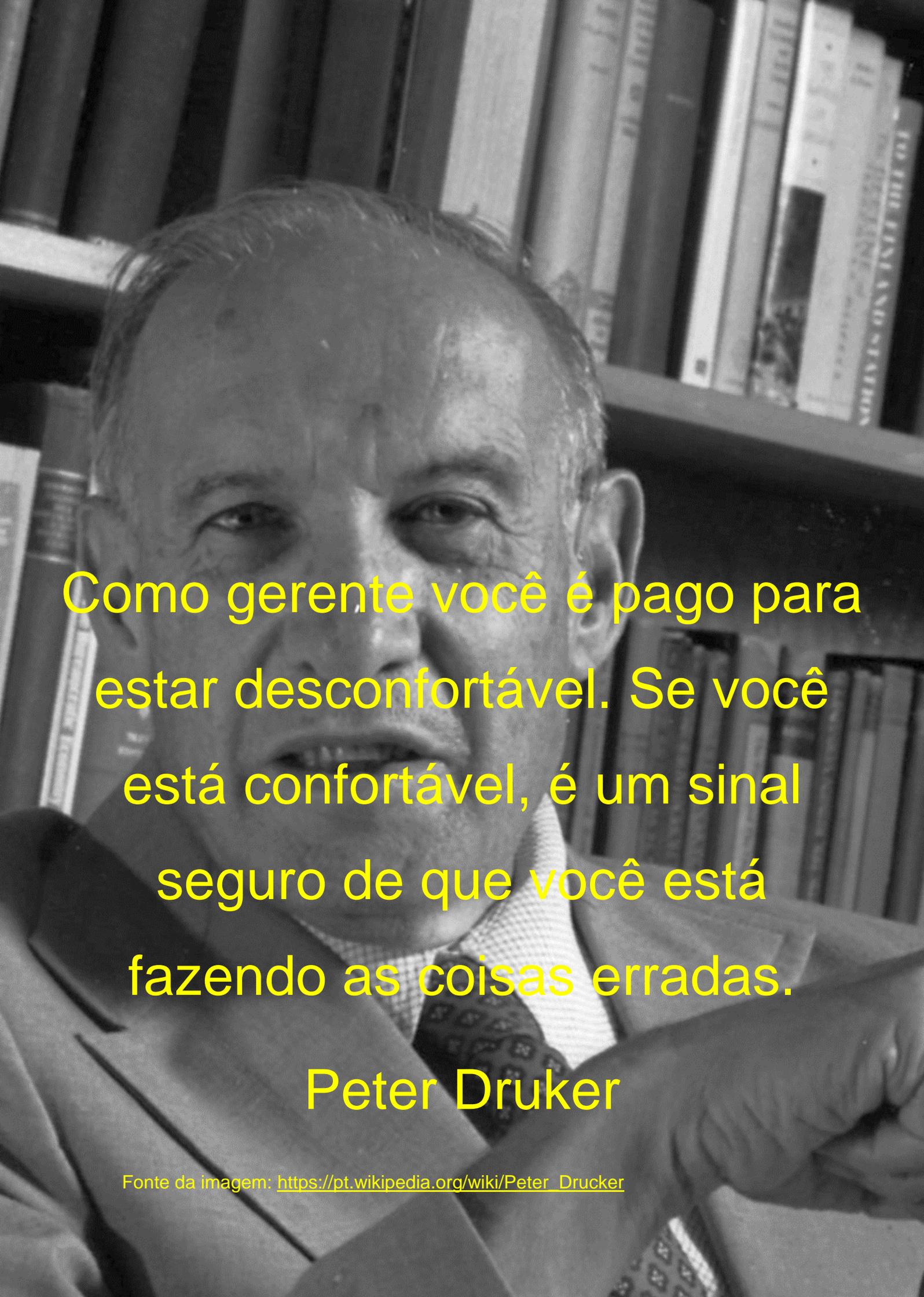
Esse fenômeno ocorre em todos os níveis da Administração. Há

Há desde grandes empresas acreditando nas ideias de charlatões da área - por esse motivo são levadas a gastar volumosas quantias de dinheiro em consultorias ou em implementação de modelos de gestão criados por essas pessoas - até, da mesma maneira, há pequenas empresas, professores e estudantes acreditando e reproduzindo essas teorias sem embasamento científico

desde grandes empresas acreditando nas ideias de charlatões da área - por esse motivo são levadas a gastar volumosas quantias de dinheiro em consultorias ou em implementação de modelos de gestão criados por essas pessoas - até, da mesma maneira, há pequenas empresas, professores e estudantes acreditando e reproduzindo essas teorias sem embasamento científico, aleatoriamente, não se preocupando em usar o senso crítico para analisá-las e testá-las de forma a comprovar se realmente são verdadeiras ou não.

Portanto, só com pessoas engajadas no propósito de livrar a Administração desse obscurantismo e atraso criado pelos pseudo-administradores e suas teorias, é que entendemos que recriar um modelo de Administração é vital não só para as organizações e classe dos administradores, pois somente com a colaboração de administradores sérios e capazes poderemos almejar alcançar o progresso. Ressaltamos que quando falamos em “recriar um modelo”, na verdade não falamos em “reinventar a roda”, mas sim em fazê-la rodar de maneira suave, mesmo que por estradas esburacadas.

(CRUZ; SILVA, 2008.)

A black and white photograph of Peter Drucker, an older man with short hair, wearing a suit and tie. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is a bookshelf filled with books.

Como gerente você é pago para estar desconfortável. Se você está confortável, é um sinal seguro de que você está fazendo as coisas erradas.

Peter Drucker

Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Drucker

IMPRECISÃO



Uma das imprecisões que anima o senso comum na Administração é a de que ela é uma “cuidadora” da organização; ou seja, que é dela a atividade de “cuidar” de todas as operações de uma empresa. Essa perspectiva imprecisa induz posicionamentos profissionais equivocados, com a sobreposição de tarefas.

A Administração tem por competência duas diretrizes: monitorar e deliberar. A de monitorar processos, pessoas e resultados, e a de deliberar ações de melhorias contínuas.

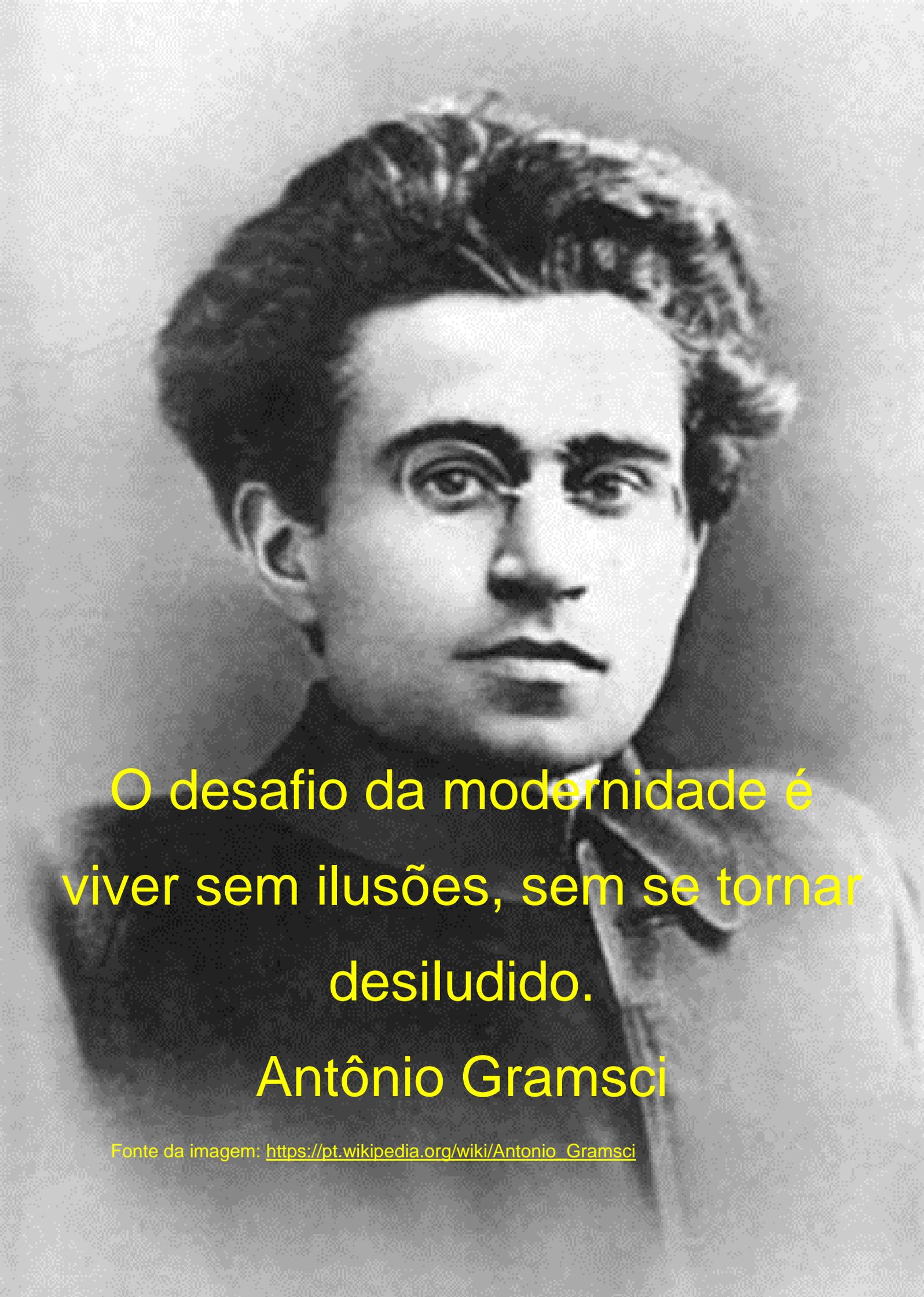
Nos últimos anos, na medida que as organizações iniciaram processos para a melhoria dos monitoramentos,

A Administração tem por competência duas diretrizes: monitorar e deliberar.

visando atenção aos números, o que gerou

investimentos em Tecnologias de Informação, softwares, ao mesmo passo que ocorreram readequações da linguagem contábil nacional com a internacional, e esses alinhamentos oportunizaram o investimento de capital estrangeiro nas organizações.

que anima o senso comum na Administração é a de que ela é uma “cuidadora” da organização



O desafio da modernidade é
viver sem ilusões, sem se tornar
desiludido.

Antônio Gramsci

Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Gramsci

5.2 Pseudociência

Teorias que anseiam pelo selo de científicas têm que passar pelo crivo dos padrões rigorosos exigidos pela ciência.

Teorias que anseiam pelo selo de científicas têm que passar pelo crivo dos padrões rigorosos exigidos pela ciência. Para garantir que todas as teorias satisfaçam estes padrões é essencial que as pessoas sejam cientificamente alfabetizadas. Infelizmente, a batalha contra a pseudociência é particularmente difícil. O público lê mais sobre pseudociência e sobre “mistérios ocultos” do que sobre ciência de verdade. Livros pseudocientíficos vendem milhões de cópias. Além disso, o público ainda é bombardeado por todo tipo de pseudociência na forma de seriados de TV e filmes. Hoje em dia é possível produzir efeitos especiais tão convincentes que muitos têm dificuldades em distinguir entre realidade e fantasia.

Como resultado, o número de pessoas que conseguem distinguir entre ciência e pseudociência é pequeno e pode até diminuir. Mais pessoas acreditam em percepção extra-sensorial do que em evolução. Há mais astrólogos do que astrônomos. A tendência à crença em pseudociência é global. De certa forma esta tendência corresponde à busca das pessoas por poderes especiais e pessoais, promessas de cura para doenças, promessas até de continuidade infinita para a existência. A pseudociência oferece respostas imediatas e certas, satisfazendo poderosas necessidades emocionais.

Os cientistas tentam explicar os fenômenos naturais bem como os fenômenos artificiais.

Os cientistas tentam explicar os fenômenos naturais bem como os fenômenos artificiais. Eles também tentam explicar fenômenos supostamente “sobrenaturais”, que parecem violar a ordem natural das coisas mas na verdade têm explicações perfeitamente naturalistas. Em resumo, um fenômeno que ainda não foi explicado não é necessariamente sobrenatural.

Por exemplo, para os gregos antigos, uma tempestade de granizo era uma das formas que Zeus tinha para mostrar que estava zangado. Para o meteorologista moderno, uma chuva de granizo resulta de correntes ascendentes de ar que carregam gotas de água que congelam rapidamente nas camadas frias da atmosfera. Isto pode ocorrer repetidamente e quanto mais frequente maiores os granizos serão.

A explicação científica para um fenômeno pode ser possível em termos das teorias já disponíveis ou pode requerer a revisão de uma teoria.

A explicação científica para um fenômeno pode ser possível em termos das teorias já disponíveis ou pode requerer a revisão de uma teoria. O modelo do sistema solar, que já foi geocêntrico, hoje é heliocêntrico. O modelo geológico da Terra no início do século vinte tinha dificuldades em explicar a aparente migração dos continentes, até que um mecanismo fosse proposto juntamente com forças geradas por correntes de magma abaixo dos continentes. O mecanismo genético que possibilitou uma explicação para a teoria da evolução de

Darwin apenas se tornou possível com a determinação da estrutura do DNA, que, por sua vez, somente se tornou possível com a descoberta dos raios X. A tarefa da ciência consiste da tentativa de fornecer explicações naturalísticas para todos os fenômenos observáveis. Esta tarefa teve início com a teoria da

A tarefa da ciência consiste da tentativa de fornecer explicações naturalísticas para todos os fenômenos observáveis.

gravitação universal de Sir Isaac Newton cuja afirmação principal é a atração mútua exercida pela força gravitacional entre quaisquer corpos com massa não nula. Esta teoria descreve uma força atrativa invisível entre maçãs e o planeta Terra e prevê que uma bola chutada para o alto a velocidades não muito altas necessariamente acabará retornando ao solo.

Antes da descoberta de leis específicas para regê-los, fenômenos como os descritos pela gravitação poderiam ser encarados como sobrenaturais ou “mágicos”. De certa forma a magia e a ciência não são estranhas uma para a outra. Por exemplo, há rochas estranhas capazes de atrair pedaços de metal. Esta força invisível era misteriosa até que cientistas descobriram o fenômeno do magnetismo e descreveram em detalhes suas leis (na mesma linha que Newton descreveu as leis da gravidade). Não há nada mágico nestas rochas,

apenas a presença de uma espécie mineral que veio a ficar conhecida como magnetita. Uma pessoa que desconheça o fenômeno do magnetismo pode ser levada a acreditar que a rocha magnética é mágica por outra que diga “abracadabra” e depois apresente o fenômeno de atração. A maioria das pessoas aprecia o efeito de suspensão da realidade possibilitado pela ideia de mágica. Frequentemente esta suspensão pode ser emocionalmente reconfortante.

5.2.1 Observações pseudocientíficas

Comparemos agora o uso científico de observações, hipóteses, previsões, experimentação e revisão com o uso pseudocientífico.

As observações são os fatos sobre os quais se baseiam as hipóteses. Quando

As observações são os fatos sobre os quais se baseiam as hipóteses.

há viés por parte do experimento ou experimentador as observações produzidas podem não corresponder à realidade objetiva do experimento (Por realidade objetiva entende-se aqui observações replicáveis por observadores diferentes). Pessoas com crenças muito arraigadas podem ser levadas a imaginar ter visto algo que, na verdade, não está ocorrendo. Em particular

quando os eventos observados forem intimamente relacionados a estas crenças. Por esse particular aspecto, relatos pessoais são um tipo de evidência muito pouco confiável. A tendência é o relato de observações que reforcem a crença e o descarte sistemático de evidências contrárias.

A honestidade dos relatos de resultados é um dos pilares da comunicação científica. Quando uma fraude é descoberta a punição imposta pela comunidade costuma ser severa. Por trás deste tipo de atitude está o interesse coletivo em assegurar a própria integridade da ciência. Os mesmos controles não estão implementados nas comunidades que praticam pseudociência.

5.2.2 Hipóteses pseudocientíficas

A navalha de Occam não é prática comum entre os pseudocientistas. Ao invés de adotar as explicações mais simples como princípio, o pseudocientista tende a escolher explicações amplas, vagas e adaptáveis, imunes ao estudo e reformulação científicos e em conformidade com crenças às quais está ligado emocionalmente.

Hipóteses pseudocientíficas frequentemente respondem a anseios emocionais e fornecem respostas prontas, certas e imediatas. São comuns

Se qualquer uma destas previsões falhar isso demonstrará que ou a lei é falsa ou esquecemos de considerar algum aspecto importante ao fazer a previsão. De qualquer maneira, se *não for possível imaginar condições de falseamento a hipótese não poderá ser considerada científica.*

hipóteses em resposta às aflições espirituais e aspirações à vida eterna. Estas explicações em geral se baseiam em sistemas de crença que demandam fé em poderes ou forças para as quais não há evidência. Neste processo é comum que o crente tenha que abandonar completamente hipóteses científicas bem estabelecidas. Outro sério problema com hipóteses pseudocientíficas é que estas são frequentemente formuladas de uma maneira que torna difícil, ou impossível, seu teste por meio de experimentos. Por exemplo, nossa amiga Alice poderia argumentar que o comportamento das pessoas é causado por um coelho invisível que as acompanha o tempo todo. A invisibilidade da causa a torna indetectável e imune a qualquer avaliação objetiva. Tecnicamente, uma hipótese dessa natureza é denominada não-falseável, ou seja, não é possível conceber um teste para determinar sua falsidade. Para uma hipótese ser científica

é necessário que seja falseável. Em outras palavras, deve haver uma situação que, caso resulte em um comportamento diferente do previsto, leve à rejeição da hipótese como falsa. Por exemplo, a lei da gravidade de Newton, prevê que maçãs devem cair, as marés devem ocorrer, a Terra deve ser

Se uma hipótese for verdadeira, então as consequências deduzidas desta hipótese também serão necessariamente verdadeiras.

aproximadamente esférica com ligeiro achatamento nos polos. Se qualquer uma destas previsões falhar isso demonstrará que ou a lei é falsa ou esquecemos de considerar algum aspecto importante ao fazer a previsão. De qualquer maneira, se *não for possível imaginar condições de falseamento a hipótese não poderá ser considerada científica.*

5.2.3 Previsões pseudocientíficas

Se uma hipótese for verdadeira, então as consequências deduzidas desta hipótese também serão necessariamente verdadeiras. Assim, deveria ser possível utilizar a lógica dedutiva para fazer previsões a

partir de hipóteses pseudocientíficas e, por consequência, testá-las. No entanto, hipóteses pseudocientíficas são normalmente vagas demais e gerais demais, levando a previsões com margens de erro tão grandes que não podem ser avaliadas.

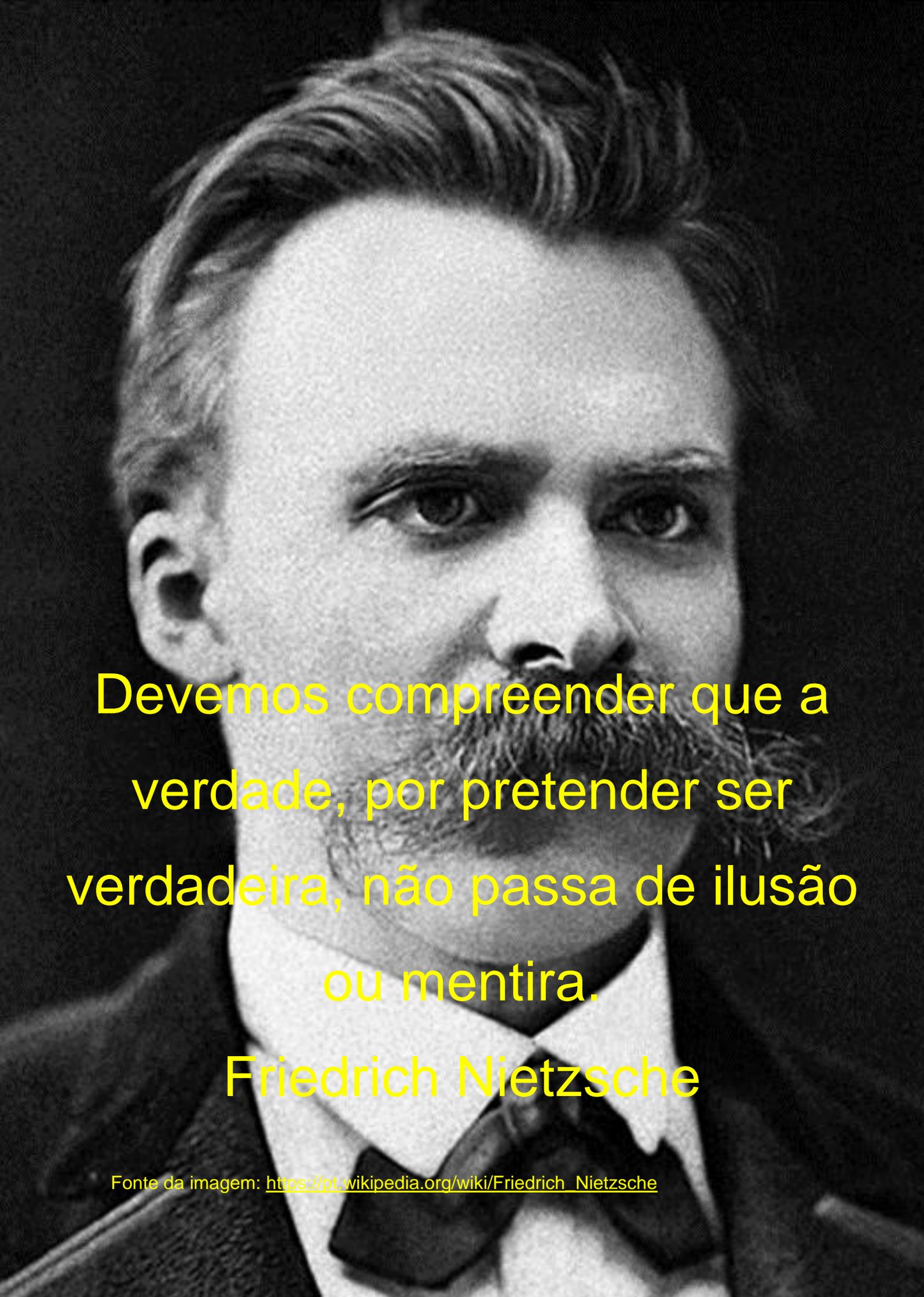
5.2.4 Experimentos pseudocientíficos

A ausência de controles coletivos apropriados e a orientação das observações e experimentos por particulares crenças fazem dos experimentos pseudocientíficos exercícios estéreis de confirmação de ideias pré-concebidas.

5.2.5 Revisão pseudocientífica

Mesmo quando experimentos pseudocientíficos não coincidem com suas previsões, adeptos de uma particular hipótese tendem a continuar acreditando dogmaticamente em sua veracidade. Estes adeptos frequentemente argumentam que uma determinada crença tem sido sustentada por tantas pessoas por tanto tempo que só pode ser válida. Outra forma comum de resistência à revisão de uma hipótese pseudocientífica não corroborada pelos dados é a formulação de teorias conspiratórias. Por exemplo, no caso da existência de inteligências alienígenas, seus adeptos tendem a formular uma conspiração de ocultação da “verdade” patrocinada pelo governo dos EUA.

(VICENTE, 2008.).

A black and white portrait of Friedrich Nietzsche, showing him from the chest up. He has a full, dark beard and mustache, and is wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a dark bow tie. The background is dark and out of focus.

Devemos compreender que a
verdade, por pretender ser
verdadeira, não passa de ilusão
ou mentira.

Friedrich Nietzsche

Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Eduardo Picanço; SILVA, Fabio do Nascimento Siqueira da. CIÊNCIA E PSEUDOCIÊNCIA NA ADMINISTRAÇÃO. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração - RPCA. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./abr. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Carlos/Downloads/Ciencia_e_Pseudociencia_na_Administracao.pdf>. Acesso em 29 de maio de 2020.

SAGAN, Carl. O Mundo Assombrado pelos Demônios: A Ciência Vista Como Uma Vela No Escuro. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 1999. p. 46.

VICENTE, Renato. Ciência e pseudociência. EACH.USP, 2008. Disponível em: <http://www.each.usp.br/rvicente/TADI04_CienciaPseudociencia.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2020.

• • •

Currículo Profissional

Charles Antonio Kieling



É Cientista Social atuando como professor universitário e empresário. Possui mestrado em Ciências Sociais pela PUCRS (2004) e graduação em Licenciatura Plena em História pela UCS (1996); é diretor do Ensino Cartese (2021 a atual); lecionou na Faculdade da Serra Gaúcha (2004-2007), na Universidade Feevale (2008-2020) e na Faculdade SENAC (2016-2018); atualmente trabalha no Instituto de Ensino e Profissionalização; desenvolveu pesquisas no âmbito da Segurança Pública, Legislação Policial-Militar, Prisões, Organizações Públicas, Políticas Públicas, Gestão Pública, Segurança Privada, Empreendedorismo e Riscos Corporativos; estruturou o primeiro mapa da violência e da criminalidade com fundamentação para cenários de inteligência e prevenção da violência e criminalidade; elaborou Projetos Públicos executados em Caxias do Sul, Vacaria, Guaporé e Novo Hamburgo; desenvolveu projetos públicos envolvendo instituições municipais, estaduais e federais, coordenando atividades articuladas entre órgãos públicos e comunidades, e o que deu início no Rio Grande do Sul para equipar as Guardas Municipais com arma não letal. Desenvolveu Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação de Segurança Pública e de Gestão Pública, dos cursos de pós-graduação Especialização de Riscos em Segurança Privada, Especialização em Segurança Pública, Especialização em Gestão Pública e MBA em Defesa Civil. Como empresário é sócio-administrador e diretor da Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa, ministrando cursos profissionalizantes e palestras sobre Introdução em Ciência Básica em escolas públicas e privadas; desenvolve pesquisas bibliográficas, documentais e de caso, e de mapeamentos de cenários e de riscos corporativos; é editor da Revista Cosmos Espírita (versão eletrônica) e da Revista de Administração *Administration Advice* (versão eletrônica); é consultor empresarial em estratégias, prospecção de cenários e análise de riscos corporativos. Tem experiência na área de História e Ciências Sociais, com ênfase em História, Organizações e Sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino e ciência básica, métodos científicos, culturas, comportamentos, segurança privada, segurança pública, organizações públicas, políticas públicas, negociação empresarial, ética, recursos humanos, direitos humanos, cidadania, inteligência, gestão, estratégia e riscos corporativos; é autor do livro O golpe de 1992 (publicado em 1998) e do livro O manifesto da cidadania (publicado em 2001).

• • •